

3/1/2.001/2005  
A vida inventou a morte. Não há como escapar a esse fato extraordinário, embora uma visão mais conservadora poderia levar-nos a crer que a vida simplesmente aprendeu a fazer uso da morte para atingir seus próprios objetivos. As implicações são as mesmas. A vida não está à mercê da morte. Ela controla a morte. Meio bilhão de anos atrás a vida aprendeu o segredo da reencarnação.

O objetivo de todas essas manobras era estabelecer uma cabeça de ponte mais firme no universo da matéria. Individualmente, as criaturas tendem a estagnar quando descobrem um confortável ritual de hábito. Uma criatura jovem luta e aprende; uma criatura velha vegeta. A morte foi inventada para substituir os vegetais por seres que lutassem e aprendessem, para tirar da linha de frente os soldados antigos e substituí-los por tropas de choque.

O mais importante passo que veio a seguir nessa guerra — ou processo de colonização — foi a invenção da consciência, ou seja, de um conjunto de faculdades separadas dos impulsos instintivos. Seu objetivo? Observar, gravar e manter registros. A consciência seria a organização da polícia secreta da força da vida. E, assim como a polícia secreta de qualquer estado autoritário, ela serve ao governo — tem um poder formidável, mas é apenas auxiliar. A consciência foi um desenvolvimento tardio na evolução porque demandava tempo para que a vida pudesse reunir energias para uma tal experiência. Os instintos só prestam atenção ao que lhes diz respeito profundamente. O serviço da consciência é prestar atenção em tudo, é vigiar os movimentos de superfície do mundo da matéria. A maior parte das informações que ela acumula nesse processo é repetitiva e inútil, mas às vezes sua ininterrupta vigilância vale a pena, e algumas observações casuais acabam por se unir e formar um novo conhecimento.

A consciência tem uma grande desvantagem: causa uma divisão na vida, e esta se prejudica. Quando a vida se limita aos níveis instintivos, eram simples seus movimentos: seu objetivo era arraigar-se no reino da matéria. A consciência preocupa-se com problemas superficiais. A polícia secreta nada sabe dos objetivos finais do governo, sobre sua política econômica e de relações exteriores. O que não tem importância, desde que o governo tenha em suas mãos o controle firme da polícia. Mas o sucesso da consciência tem sido tão espetacular que ela se tornou uma espécie de departamento governamental. E isto é perigoso. O perigo aumentou desmedido nos últimos séculos. A invenção da escrita deu ímpeto enorme à evolução humana, e transformou a visão que o homem tem de si mesmo. Não há provas de que Isaac Newton fosse mais inteligente do que Moisés ou Confúcio, mas ele possuía métodos mais apurados para o acúmulo e utilização de seus conhecimentos. Como fruto de três séculos de ciência newtoniana, o homem se tornou rei de seu castelo terreno. Mas não aceita passivo a vida e a morte, como seus ancestrais. Dirige para o universo o seu olhar de amo e senhor. Mas a consciência não é o amo — é o criado. Ela carece do poder e do impulso que têm as forças instintivas da vida. Sozinha, tende a se tornar passiva e perplexa, alienada do mundo

do instinto e do mundo da matéria. É um amo que perdeu a sensibilidade para o domínio.

A evolução humana avançou depressa demais; seus processos tornaram-se por demais complicados para seu próprio bem. Mas é possível simplificá-los. A consciência pode ser voltada para dentro, para a compreensão dos processos vitais e dos movimentos da evolução.

O principal inimigo da vida não é a morte, mas o esquecimento, a estupidéz. É fácil demais nos desorientarmos. Esta a grande pena que a vida cumpre por descer à matéria: uma espécie de amnésia parcial.

Mas o próximo passo na argumentação é que constitui o ponto central. O universo é pleno de todos os tipos de energia. A matéria é energia — o tipo mais resistente e inflexível. E se a vida conseguiu alcançar algum grau de conquista sobre a matéria, acaso seria absurdo supor que não conseguiu a mesma coisa com formas de energia mais maleáveis?

Voltamos à idéia de universo inteligente proposta por David Foster, mas agora é desnecessário perguntar quem é o autor da codificação. Sabemos a resposta. É a força da própria vida, que vem conduzindo essa guerra de colonização há mais de um milhão de anos.

Logicamente, tudo isso se conclui a partir do reconhecimento de que a vida não é “emanação” da matéria, mas uma força contrária. Lilit, de Bernard Shaw, diz: “Eu conduzi a vida para um turbilhão de forças, e compeli meu inimigo, a Matéria, a obedecer a uma alma viva. Mas ao escravizar o inimigo da Vida, fiz dele amo da Vida (. . .)” E antes, no mesmo ato de *Back to Methuselah*, ele expressa a intuição de que possa existir vida em níveis de energia mais elevados: “No âmago comprimido da Terra, onde ainda rebrilha o inconcebível calor do Sol, a pedra vive com feroz convulsão atômica enquanto vivemos à nossa maneira mais lenta. Quando ela é lançada à superfície, morre como um peixe habituado à profundidade do mar (. . .)” Alfred North Whitehead, outro filósofo vitalista, também expressou a idéia de que a vida permeia o universo como a água encharca uma esponja.

O grande mistério não solucionado é o da individualidade. Se de alguma forma a vida constitui uma união, como pode cada uma de suas unidades sentir-se tão singular e independente? Chesterton o expressou no magnífico capítulo final de *The Man Who Was Thursday*: “Por que motivo cada uma das coisas sobre a terra luta contra cada outra coisa? Por que todas as pequenas coisas do mundo têm de lutar contra o próprio mundo? Por que uma mosca tem de lutar contra o universo inteiro?” Não só por que, mas como? Talvez existam no mundo alguns seres dotados de “consciência comunal”, como sugere Sir Alister Hardy. Talvez haja mosquitinhos insignificantes, voando em nuvem, que tenham tanta consciência da existência dos outros quanto da sua própria. Mas é uma idéia que sequer podemos conceber. Um grupo de maconheiros a praticar a “harmonia conjunta” está iludindo a si mesmo, como uma criança que faz de conta que a boneca é viva. A individualidade hu-